



VIDA DE MULHER NEGRA É DIFÍCIL: TRAÇOS DE HISTÓRIAS DE MULHERES NEGRAS DO BAIRRO GRANDE RIO EM SÃO JOÃO DE MERITI

José Geraldo da Rocha¹
Patrícia Leal Corrêa²

Resumo: A história de luta das mulheres negras na sociedade brasileira é uma história caracterizada pelo poder de resistência. A superação das adversidades no cotidiano da vida é algo que demonstra a capacidade de reconstruir paulatinamente as possibilidades de uma convivência social em um contexto de desigualdades de oportunidades. O texto “ Vida de mulher negra é difícil: traços de histórias de mulheres negras do bairro Grande Rio em São João de Meriti” confirma nossa afirmação, ao mesmo instante que busca dar visibilidade a essas mulheres invisibilizadas nas periferias das cidades brasileiras. Os relatos aqui apresentados falam de lutas, de dificuldades, mas sobretudo, falam de sonhos, de esperanças e de vida que pulsa em meio aos pobres.

Palavras-chave: mulher negra. Etnia. Desigualdade social.

INTRODUÇÃO

294

Na sociedade brasileira, há setores que determinam atividades a serem realizadas de acordo com as divisões de gênero, que foram construídas socialmente para separar homens e mulheres. Além desta separação, ainda tem sido natural que os homens recebam remunerações superiores aos das mulheres, embora elas tenham a mesma função ou ocupação. Nesse caso, o que prevalece é a diferença biológica.

A luta do povo negro se fez durante séculos de escravidão e o pesado fardo desta prática ainda reflete, negativamente, na história de vida de muitos negros, sobretudo, no momento de disputa em uma vaga no mercado de trabalho. Homens e mulheres negros/pardos têm alavancado postos e cargos considerados de alto nível no mercado de trabalho. No entanto, ainda é possível verificar, nos dados do IBGE, a desigualdade e defasagem que persiste entre negros e brancos, quando comparados os seus rendimentos e ocupações.

¹ Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da UNIGRANRIO.

² Mestre em Humanidades, Culturas e Artes da UNIGRANRIO.



O presente artigo faz parte do trabalho de Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da Unigranrio. Os dados aqui apresentados foram colhidos, no ano de 2012, e reunidos no Relatório Anual Socioeconômico da Mulher (RASEAM, 2014), e mostraram que a taxa de atividade das mulheres de 16 a 59 anos era bastante inferior à dos homens. As mulheres foco da presente pesquisa são mulheres beneficiárias do Programa Bolsa Família.

O SENTIDO DA EDUCAÇÃO PARA AS MULHERES NEGRAS PESQUISADAS EM SÃO JOÃO DE MERITI

É constatação corrente na área da educação, na Cidade de São de Meriti, observar que, algumas mulheres negras, retornam aos seus estudos com os mais variados objetivos, dentre os quais, podemos elencar: estreitar os laços afetivos com seus filhos, criando uma maior proximidade; ajudar nas tarefas de casa suas crianças; buscar uma requalificação profissional; ou ainda, prosseguir em seus estudos, que por diversos motivos, foram interrompidos no momento em que possuíam idade para frequentar a Educação Básica.

295

Para a escola, enquanto organização, convém salientar que um currículo, adequado a clientela a ser atendida, preconiza uma forma de trabalho, que seja capaz de atender a todos os alunos, independentemente de sua origem, sobretudo a estas mulheres, que já foram excluídas do ambiente escolar por diversos motivos. O cuidado com a seleção de conteúdos, que sejam significativos e que favoreçam a aprendizagem, é o ideal e poderiam ser elencados, através de uma análise que fosse combinada com a metodologia mais adequada, que é de fundamental importância para atingir a este público.

Conforme Freire (1987), a educação no Brasil, reproduz a desigualdade, a marginalização e a miséria, que são interesses, da classe dominante, ou seja, quem tem interesse em manter o sistema estratificado na sociedade. Ao professor, cabe a tarefa de problematizar a educação e conduzir o educando a se ver como um ser social para que compreenda e reflita, conscientemente e de forma crítica, sobre os problemas existentes no mundo e não apenas como um mero receptor.



O fazer pedagógico articulado a todas as possibilidades que não foram dadas, anteriormente, às mulheres negras, sejam jovens ou adultas, que retornam à escola, fazem parte da democratização do ensino e políticas públicas voltadas para a escolarização, e que interferem diretamente na vida delas sob o desejo latente de superação.

Não fomos vencidas pela anulação social. Sobrevivemos à ausência na novela, no comercial; O sistema pode até me transformar em empregada. Mas não pode me fazer raciocinar como criada. Enquanto mulheres convencionais lutam contra o machismo. As negras duelam pra vencer o machismo, o preconceito e o racismo. (RIBEIRO, 2013)³

A escolarização formal faz parte da experiência das mulheres negras, como uma forma de exclusão, muitas idas e vindas da escola, histórias de reprovações seguidas vezes até ficarem fora do padrão de idade aceitável nas escolas de Ensino Fundamental¹, que envolvem alunos do 1º ao 5º anos de escolaridade e evadirem-se. Essa trajetória, marcada por interrupções do processo escolar acarretou a desistência do processo educacional, e, foi possível constatar, através da pesquisa, que essa ausência por anos, provocou a limitação que elas possuem e a dificuldade de projetarem, em suas vidas e na de seus familiares, um caminho diferente. Entre as entrevistadas, praticamente todas realizaram trabalhos domésticos, em caráter informal, e as que hoje não estão neste tipo de trabalho, atribuem isso ao retorno aos estudos.

296

Antes de iniciar os relatos e as informações mais precisas de quem são essas mulheres, buscaremos contextualizar a Escola Municipal General Charles de Gaulle, situada no Bairro Grande Rio – Cidade de São João de Meriti, cujo entorno e outros dados relevantes, auxiliam na compreensão do ambiente social onde estão os filhos e/ou netos das mulheres negras, beneficiárias do Programa Bolsa Família

A Escola Municipal General Charles De Gaulle é uma escola pública de referência em qualidade de educação, que busca cada vez melhor atender à comunidade num resgate à cidadania, como marco referencial, além do conhecimento sistematizado. Foi criada pelo Decreto nº 38 de 18 de janeiro de 1967, pelo então Interventor Federal João Batista Barreto Lubanco com a denominação inicial de Grupo Escolar.

³ Mulher Negra: sinônimo de resistência – Marcela Ribeiro - 25/07/2013



Considerando um dever e um ato de justiça, resolveu homenagear o General francês Charles de Gaulle, por sua conduta, valor moral e, sobretudo pela sua contribuição pessoal na luta contra as ameaças nazistas e fascistas, junto as Forças Aliadas inclusive do Brasil.

A E. M. General Charles De Gaulle, está situada na Rua Fernando Rodrigues, S/Nº – Bairro Grande Rio, Município de São João de Meriti, oferece o Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano. A clientela é heterogênea (social, cultural e economicamente). Atende aos bairros vizinhos e outros municípios que estão na divisa (Mesquita e Belford Roxo).

É uma escola que possui um prédio com planta baixa e possui: 01 (uma) secretaria com banheiro, 01 (uma) sala de direção com banheiro, 01 (uma) sala para Equipe Pedagógica, 01 (uma) sala de recursos, 01 (um) laboratório de informática, 06 (seis) salas de aula, 01 (uma) despensa, 01 (uma) cozinha conjugada com o refeitório, 02 (dois) banheiros para alunos, 01 (um) banheiro para funcionários. Possui pátio com uma quadra coberta e na frente da Unidade possui um espaço verde.

297

A escola está localizada num bairro as margens da Rodovia Presidente Dutra, circundada por conjunto de casas e prédios, escolas particulares, escolas estaduais e municipais, assim como pala Vila Olímpica do Município de São João de Meriti. O bairro é servido por 02 (duas) linhas de ônibus, recebe água encanada, eletricidade e esgoto, o lixo é coletado regularmente, as ruas necessitam de melhorias no calçamento e iluminação. O atendimento médico é feito por um posto de saúde e um posto 24 horas para atendimentos de emergências, localizados em bairros próximos à escola.

Todos os professores são concursados e a maioria possui curso superior. A escola segue a proposta Cultivar, que é determinada pela Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Lazer para todas as escolas da rede. Possui uma gestão democrática e participativa, onde a construção do conhecimento e as decisões são tomadas no coletivo. Junto a esta atuação há também o Conselho Escolar que é formado por membros da comunidade escolar.

A escola tem a grande preocupação em trabalhar os vários eixos, que compõem uma aprendizagem significativa para todos os alunos, além de enfatizar o conhecimento formal. O currículo é enriquecido com temas transversais e projetos, que levem a



reflexão de práticas e aplicação no cotidiano. A valorização da Diversidade no ambiente escolar é consolidada através da implementação das Leis 10.639/03⁴ e 11.645/08⁵.

Pensando sobre o universo das mulheres negras da Cidade de São João de Meriti residentes no Bairro Grande Rio, que são o alvo desta pesquisa, com o intuito de desvelar suas lutas, histórias de vida em família e social, em uma sociedade desigual, machista e racista, é que retomo aos questionários preenchidos e narrativas colhidas por ocasião das entrevistas realizadas no ano de 2001, a fim de buscar responder como foi ou é fazer parte do Programa Bolsa Família, e como isto tem se refletido em sua vida familiar e em seu dia-a-dia.

Iniciamos com a história de I., mulher negra, atualmente, com 41 anos, solteira, vive em um relacionamento estável, mãe de 03 filhos, possui o Ensino Fundamental e não trabalha. Mora com seu companheiro, que é aposentado como padeiro e seus filhos, que são 03 meninos, 21, 10 e 07 anos, em uma casa própria e modesta com sala, quarto, cozinha e banheiro, que foi construída pelo marido no terreno de sua mãe e onde residem outros membros da família. O filho mais velho é de um relacionamento rápido que I. teve com um homem que ela conheceu em um pagode e nunca mais o viu. Os outros dois meninos são filhos do mesmo pai e atual companheiro.

Quando I. chegou à escola (2001), foi para matricular seu filho na época com 06 anos de idade, no 1º ano do Ensino Fundamental daquele ano letivo e matricular se na V Fase da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Naquela ocasião, I. vivia com sua mãe, seu filho, uma irmã e um irmão, ambos menores de idade, seu pai é falecido. Todos dependiam financeiramente da aposentadoria da mãe de I. e era a única renda formal que a família recebia. I. nunca trabalhou de carteira assinada e ela atribuía isso ao pouco estudo que tinha. Para somar e ajudar nas despesas da casa realizava alguns trabalhos domésticos, como diarista, nas casas de família na Zona Sul ou Barra da Tijuca.

⁴ Lei 10.639/03 altera a Lei de nº 9394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, pra incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e da outras providências.

⁵ Lei 11.645/08 altera a Lei de nº 9394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, pra incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.



[Minha mãe sempre quis que eu estudasse, mas eu, nunca quis saber muito disso, minha cabeça não entrava nada, eu não gostava. Depois que tive meu filho, vi que era difícil criar uma criança sem pai. Eu também nunca procurei por ele, nunca achei que saindo uma única vez eu ia “pegar barriga”, fiquei fazendo faxinas, cada dia estava em uma casa, pra poder dar as coisas pro meu filho. Pude contar com minha mãe que olhava ele pra “mim” trabalhar, foi muito difícil. Eu sei que não tinha como arrumar emprego em loja ou escritório, eu não tinha estudado pra isso e também não via pessoas como eu lá.] (I.)

I. decidiu que iria retornar aos estudos, e fazia um enorme esforço para não desanimar e continuá-los à noite, mesmo quando ela estava muito cansada e esgotada das tarefas do cotidiano. I. trabalhava como diarista, e quando estava em casa e fazia questão de acompanhar o filho na escola. O filho mais velho de I. era uma criança muito inteligente, não apresentava dificuldades de aprendizagem, no entanto, em relação à disciplina, se envolvia em muitos conflitos com os colegas de sala de aula, tinha uma postura um tanto agressiva e isso dificultava seu relacionamento com os demais. Estava sempre na sala da Orientação, devido a esse comportamento. I. era uma mãe bastante presente na escola e o contato com a Equipe era facilitado por ela estar lá também à noite.

299

I. valorizava bastante a educação de seu filho e fazia questão de mantê-lo na escola, queria que ele fosse um homem de bem e honrado, sobretudo, por ele não ter conhecido o pai e ser criado pelo padrasto. I não prosseguiu em seus estudos e ao completar o Ensino Fundamental parou, devido a outras situações que aconteceram em sua vida.

Outra mulher negra, beneficiária do Programa Bolsa Família é J., 37 anos, solteira, mãe de 3 (três) filhos, uma menina de 21 anos, um menino de 15 anos e um menino de 12 anos, possui o Ensino Fundamental Incompleto, trabalha informalmente como balconista na farmácia do bairro, vive com seus filhos e seus netos em uma meia água construída no terreno da família e no mesmo terreno residem outras pessoas da sua família. A filha mais velha de J. é mãe de duas crianças, um menino de 06 anos e uma menina de 02 anos, não trabalha e mora com seus filhos na casa de sua mãe.

Semelhante a I., em 2001, J. também foi aluna frequentadora da classe da EJA na escola, na mesma época em que sua filha estudava no período diurno no 2º ano de escolaridade no Ensino Fundamental, porém, J. engravidou e resolveu sair da escola, optou por não prosseguir em seus estudos e ainda hoje possui apenas o 7º ano do Ensino



Fundamental. A filha de J. também não concluiu seus estudos, cursou até o 8º ano de escolaridade do Ensino Fundamental e é beneficiária do Programa Bolsa Família, pois seu filho estuda no 1º ano do Ensino Fundamental na escola Pública. Esta é a única renda que a filha de J. recebe, que é somada com a da mãe, e portanto, ajuda no sustento da família.

J. é uma mãe que pouco se preocupa com a vida escolar dos seus filhos, no que diz respeito a aprendizagem. O filho de J. de 15 anos estuda em outra escola pública. Já o de 12 anos, ainda é aluno da escola, encontrando-se em defasagem idade/ano. Possui sérias dificuldades na alfabetização e já ficou retido por vários anos no 3º ano de escolaridade, por não conseguir ser alfabetizado. A escola realiza um trabalho diferenciado com o aluno, oferece apoio no horário fora de aula na sala de recursos, porém, por falta de compromisso do aluno e de J., ele não frequenta as aulas fora de seu turno. J. diz não ter condições de ensinar o filho por estar no trabalho e quando chega em casa já está cansada, tem outras tarefas pra dar conta como: janta, roupa, arrumação, etc.

300

Embora J. zele pela frequência de seu filho na escola, pois, caso o aluno beneficiário do Programa falte a escola, sem justificativa, o benefício pode ser suspenso, em relação ao ensino, J. não demonstra o mesmo zelo e, com isso, seu filho se torna uma criança fora da faixa etária das crianças que lá estudam, e a Equipe teme que ele seja mais um a desistir dos estudos, assim como fizeram sua mãe e sua irmã. Árdua tem sido a tarefa da escola com algumas crianças, pois é a única que se responsabiliza, e, é isso que se observa em relação ao filho de J.. Vale ressaltar que ele é uma criança dócil, obediente e tem um ótimo relacionamento com todos no ambiente escolar.

J. é o caso que ainda tem filhos estudando em escola de Ensino Fundamental Regular e agora retorna a escola com seu neto, o que deixa claro, que sua filha, que atualmente tem 02 filhos, trilha o mesmo caminho que o seu, talvez sem se dar conta, ou sem condições emocionais de romper com este ciclo.

[Eu sei que eu precisava dar mais apoio ao meu filho, mas eu não consigo, não tenho cabeça mais pra isso, agora ainda tenho os meus netos morando comigo. Você sabe como é menina nova né? arrumou filho eu apoiei, não ia deixar minha filha desamparada, ela não sossegou e arrumou logo outra barriga e agora? Tá aqui tudo nas minhas costas, tudo sou eu. Por mais que eu tenha falado, essas meninas



hoje em dia, não escutam conselhos de mãe, ela via meu sofrimento em casa pra sustentar ela e o irmão, e agora tá aí podia estar estudando, trabalhando, mas, não, fez a mesma coisa que eu fiz, não foi por falta de aviso.] (J.)

J. ao ser indagada, revela que, os estudos devem ser valorizados, entretanto, se sente desmotivada para retornar e acha que será difícil conseguir alguma coisa diferente do que possui, profissionalmente, na atualidade, com o pouco estudo que tem. Com esse discurso, não incentiva seus filhos a continuarem estudando, e tem consciência de que não tem sido firme o suficiente. Apesar de ser uma mulher guerreira e lutadora, não se vê como um exemplo a ser seguido e gostaria que seus filhos fizessem um caminho diferente do seu.

A vida de S. mulher negra, 39 anos, beneficiária do Programa Bolsa Família, solteira, mãe de 06 filhos, Ensino Fundamental completo, é caracterizada por ser feirante, mora na casa que sua mãe deixou para ela morar com os filhos. Apenas seus filhos mais novos possuem registro no nome do pai. S. diz que sempre foi mãe solteira e sustenta seus filhos sozinha. Os três mais velhos são de pais diferentes e os três mais novos são filhos do mesmo pai.

Seus filhos são: 01 menina com 20 anos, 01 menina com 18 anos, 01 menino com 16 anos, 01 menino com 12 anos e 01 menina com 10 anos e 01 menino com 08 anos. Seus três primeiros filhos são de relacionamentos diversos que S. teve e não tem nenhum contato com os pais de seus filhos, não sabe praticamente nada a respeito da vida deles ou dos seus familiares. Todos os filhos de S. estudaram ou estudam na Escola General Charles De Gaulle. São crianças que possuem muitas dificuldades na aprendizagem e na alfabetização. S. sempre soube das dificuldades, mas pouco ajudava os filhos, pois tinha que trabalhar para sustentá-los.

Quando os filhos de S. foram matriculados na escola, já havia o Programa Bolsa Família e, na ocasião, S. já possuía o perfil e o direito ao benefício. S. deixava seus filhos sozinhos aos cuidados da menina mais velha para ir trabalhar. Ela trabalhava como feirante, vendendo legumes em vários bairros do Rio de Janeiro e até de São João de Meriti. Acordava cedo para ir ao CEASA comprar os legumes frescos e o que ganhava como feirante era o único ganha pão que garantia o sustento de seus filhos.



S. tinha o Ensino Fundamental Completo e não tinha muito tempo para ajudar seus filhos. Somado a isso, também não possuía muitos conhecimentos, o que dificultava ainda mais. Os filhos de S. eram crianças “criadas na rua”, não havia quem cobrasse deles os estudos e, como ficavam a maior parte do tempo sozinhos, faziam o que queriam. Não tinham rotinas nem hábitos de estudos, até porque S. era bastante ausente de casa, e não ajudava seus filhos nos estudos. Quando questionada sobre isso, S. nos disse:

[Eu não tenho tempo pra ensinar criança. Ou eu fico em casa ensinando dever ou eu coloco comida dentro de casa. Minha mãe nunca ficou do meu lado para eu fazer dever ou estudar, eu sempre fiz tudo sozinha e aprendi o básico, pelo menos eu me viro como dá. Eu ensino eles a fazerem o mesmo.] S.

Outra história de mulher negra, que já foi beneficiária do programa Bolsa Família e que tem relação com a luta das mulheres negras descritas anteriormente, é a de B. 41 anos, mãe de 03 filhos, casada, mora em casa própria com seu marido e seus filhos. A primeira filha é fruto de um relacionamento extraconjugal que B. teve com um homem casado. B. mantinha esse relacionamento há aproximadamente 3 anos e, quando ela engravidou, seu amante sumiu. Antes porém, disse que ela deveria tirar a criança e ele inclusive se ofereceu para pagar o aborto. B. não aceitou e ela a abandonou.

Atualmente, a filha de B. está com 20 anos e é estudante universitária, bolsista e ingressou através do sistema de cotas, no Curso de Pedagogia, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), e os outros dois filhos são do seu segundo relacionamento e atual esposo, um casal de gêmeos com 09 anos de idade.

B. concluiu o Ensino Médio e começou a trabalhar como vendedora em uma loja de eletrodomésticos. O marido de B. também possui o Ensino Médio Completo, fez um curso de segurança patrimonial e foi contratado para fazer parte da segurança de um grande banco. A filha mais velha de B. sempre foi uma aluna dedicada, estudiosa e tinha certeza do que queria em sua vida. cursou todos os anos de escolaridade em escola pública e no momento de ingressar na Universidade, optou pelo sistema de cotas e foi aprovada com uma boa pontuação no vestibular e esta é uma das maiores conquistas na vida desta família.



Os filhos menores de B. estudam no 5º ano de escolaridade e este é o último ano de escolaridade deles naquela unidade escolar. São crianças inteligentes e esforçadas, não fazem parte do Programa Bolsa Família, pois seus pais possuem emprego formal, e suas rendas somadas, os deixam fora da renda per capita das famílias atendidas no programa, o que permite que eles tenham uma tranquilidade e, como pobres, consigam equilibrar as contas da família e sobreviver.

[Mesmo eu tendo dado um passo errado na minha vida, quando me envolvi com o pai da minha filha, eu tive muita força pra seguir em frente. Ele dizia que me amava, que ia definir nossa situação perante todo mundo, ia largar a mulher dele e viver comigo, por isso doeu muito quando ele me largou grávida, sozinha. Tive que aturar todo tipo de deboche. Nunca mais eu soube dele, passei a gravidez toda e quem me ajudou foi minha mãe. Minha mãe nunca me abandonou, ela sempre esteve ao meu lado, mesmo com toda reclamação, ela falando que por falta de aviso não foi, etc... Fico impressionada como pode uma pessoa saber que vai ter um filho e não aparecer mais, não assumiu a responsabilidade e me deixar como ele me deixou. Eu chorei muito, fiquei revoltada com todos os homens, tive raiva de mim, de ter engravidado de ter acreditado nele, mas quando eu conheci meu esposo, vi que tem homens sérios nesse mundo, ele assumiu a mim e a minha filha, nos deu uma vida digna e depois com a chegada dos gêmeos nossa família ficou completa. Somos muito felizes, apoiamos sempre um ao outro.] (B.)

303

B. nos fala que é um grande privilégio ter seus filhos estudando na escola Charles, pois foi lá que ela teve oportunidade de conhecer pessoas, que a levantaram no momento em que ela mais precisava. B. dá muito valor aos estudos e se hoje é o que é, atribui a Equipe, que, sempre a apoiou, a ajudou e ela sabe que pode contar sempre que precisar. Quando sua filha se formar, faz questão de nos convidar.

O próximo relato refere-se à T. mulher negra, 38 anos, vive com o pai de suas filhas em união estável, possui Ensino Médio Completo, mãe de duas meninas 20 anos e 06 anos, trabalha de carteira assinada, como auxiliar de gerente no mercadinho do bairro, reside em casa própria, que foi construída pelo companheiro de T. que é pedreiro, no terreno da casa dos pais de T.

T. é a filha do meio de uma família de 05 filhos, todos seus irmãos são maiores de idade, casados e com filhos. O pai de T. é aposentado e trabalhou como pintor em uma empresa de construção civil. A mãe fazia pequenos serviços de costura e vendia “Avon” e, desses serviços, a mãe de T. retirava uns trocados, que ajudavam no dia-a-dia para comprar coisas menores. T. nos conta que seus pais estudaram até o primário e mal



sabiam ler e escrever. Eles sempre zelaram para que os filhos estudassem, mas eles não queriam saber muito e, assim como ela, seus irmãos também concluíram apenas o Ensino Médio e outros possuem apenas o Ensino Fundamental. As irmãs de T. moram todas no mesmo terreno e seus irmãos moram com as esposas e filhos na casa dos sogros. A família é muito unida e quando se reúnem é motivo de festas e comemorações.

T. assim como as outras mulheres, chegou à escola Charles de Gaulle com o objetivo de matricular sua filha e concluir o Ensino Fundamental na EJA. Após ter concluído, ela ingressou no Ensino Médio e concluiu. Na ocasião ela não trabalhava, vivia com seu companheiro que sustentava a casa com o dinheiro que recebia nas obras que realizava e por não comprovarem renda formal, foram contemplados com o Programa Bolsa Família.

[Fiz de tudo para pelo menos o Ensino Médio eu ter concluído, e aproveitei que meu marido me ajudava sustentando a casa, meti as caras no estudo. Hoje eu trabalho aqui no mercadinho e pra mim é mais cômodo por que estou perto da minha casa e da escola da minha filha. Quando ela estiver maior, vou fazer um curso, me especializar em outra coisa, pra tentar um emprego que me pague melhor. Mas agora, tenho que ajudar minha filha mais nova, ela precisa muito de mim nesta fase de alfabetização.] T.

304

T. nos fala que se sente incomodada com o fato de não estar com mais frequência na escola, como ela era com a filha mais velha e reconhece que não tem mais a mesma paciência para a fase em que sua filha se encontra, que é a alfabetização. Sabe que sua mãe não devia assumir tudo e nem tem mais idade pra isso, no entanto, confessa que como sua filha é inteligente, pega rápido as coisas ela não se preocupa tanto. Quando o esposo está em casa, mesmo com o pouco estudo que ele tem, ele ajuda a filha e faz questão de acompanhá-la e liberar um pouco a avó.

A filha mais nova de T. está matriculada no 1º ano de escolaridade é uma criança inteligente, dedicada e esforçada. Sua professora enfatiza que ela tem facilidade em aprender e presta atenção nas aulas o que facilita seu aprendizado. É cuidadosa com seu material escolar e tem um bom relacionamento com todos na escola. A filha mais velha de T. quando foi aluna de lá, tinha o mesmo perfil. Acredito ser este o motivo que deixa



T. tranquila, porque a mais velha nunca deu nenhum tipo de trabalho na escola e a mais nova segue o mesmo caminho.

Para receber o benefício, integralmente, do Programa Bolsa Família, a frequência da criança na escola é considerada. Isto é um ponto positivo, pois o aluno que era faltoso passa a não ser mais. A família passa a valorizar mais a presença da criança na escola. Algumas são apenas para manter o benefício, contudo a criança é beneficiada por estar na escola e não em outros lugares.

Merece destaque na trajetória de vidas, destas mulheres negras o entrelaçamento do sentido de continuidade, uma vez que suas filhas reproduzem as mesmas histórias de vida de suas mães. No início do acompanhamento deste grupo de mulheres, algumas estudavam a noite e seus filhos pela manhã. Anos depois, elas veem à escola, com seus filhos mais novos de outros relacionamentos afetivos e algumas até com os netos.

Quando detectamos que, para algumas famílias, o Programa Bolsa Família constitui a única fonte de renda ou o complemento com alguma outra renda informal, é possível entender a vida de alguns alunos e, também, suas dificuldades, que se refletem na sala de aula. Constatamos que dentro destas famílias, em sua maioria, composta de negros, há um círculo vicioso, pois suas filhas, que outrora foram nossas alunas, foram mães solteiras e retornaram para nossa escola com seus filhos e vivem nas mesmas condições que viviam suas mães e ou avós.

Este fato salienta o quanto o poder público, a escola em seu fazer pedagógico e toda a comunidade escolar teriam que estar engajados e envolvidos em revigorar os valores de uma sociedade mais igualitária para todos. Estas famílias, em sua maioria, são monoparentais, mantidas apenas por mulheres negras, que costumeiramente, vivem com os auxílios dos programas oferecidos pelo Governo.

Por outro lado, nas histórias das mulheres negras participantes desta pesquisa, também encontro histórias de superação, resistência e vitória. São mulheres que buscaram no trabalho e nos estudos, através de muito esforço e dedicação, mudarem sua vida e a de seus familiares. Recusaram-se a reproduzir os mesmos padrões que viam e escolheram outra realidade.

Na educação, a semente é lançada para só no futuro podermos colher os frutos. Quando é possível realizar a colheita de bons frutos, é motivo de muita satisfação e



orgulho para quem vive dentro deste contexto. Em muitos momentos, esta semente foi lançada através de conversas, debates, convencimento e fortalecimento da autoestima, destas mulheres, que se sentiam discriminadas e a margem da sociedade, não se sentiam capazes de superar os acontecimentos negativos que a vida lhe trazia.

Entre as mulheres negras, estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), pode-se verificar um bom desempenho escolar nos níveis de ensino. As oportunidades educacionais, que foram oferecidas, fizeram a diferença na vida de algumas mulheres negras e que chegaram à universidade.

Freire (2006) salienta que toda liberdade requer responsabilidade social e política. Incorporar novos hábitos e valores sem deixar de seguir com o que se acredita é tão fundamental quanto romper com todas as amarras, que insistem em preservar a mulher negra da mesma forma como no século passado. Ter autonomia para tomada de decisões, saber tirar proveito para si mesma e não ceder à ideologia das elites dominantes é um movimento, um exercício de resistência bastante significativo e que demonstra grande potencialidade.

306

Educar e educar-se, na prática da liberdade, é tarefa daqueles que pouco sabem - por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais - em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais. (FREIRE, 2006:25)

O autor argumenta que buscar na educação uma maneira de interferir e modificar a realidade, em que se situa, é sair do estado de conformação para criar e recriar novas relações, novos anseios emergentes e vislumbrar mudanças reais e profundas se fazem mais que necessário e é urgente. A educação é uma tarefa singularmente importante para que mulheres negras possam incorporar novas formas de pensar e agir reflexivamente com lucidez, para observar nas contradições existentes as verdadeiras intenções da elite sobre a massa. Provocar o diálogo e o respeito mútuo é um ato de amor, de humildade e de superioridade com o outro.

A pesquisa realizada apresentou muitos outros aspectos interessantes de serem explorados e apreciados, o que não faremos em virtude da brevidade do presente artigo. Diante de tantas histórias de luta relatadas, o que aqui apresentamos tem a pretensão de



cumprir o papel ajudar dar visibilidade de pessoas que os processos de desigualdades visibilizaram na sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, v.2.
- BERINO, Aristóteles (org.). **Diversidade étnico-racial e educação brasileira**. Seropédica. UFRJ/Evangraf, 2013.
- BOURDIEU, Pierre, **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kuhner – 4ª edição, Rio de Janeiro: Berthand Brasil, 2005.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução, Renato Aguiar – 6ª edição – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- CARNEIRO, Sueli; SANTOS, Thereza. **Mulher negra**. São Paulo: Nobel, Conselho Estadual da Condição Feminina, 1985.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- _____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 12ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- _____. **Educação como prática de liberdade**. Editora Paz e Terra, 2006.
- GOMES, Nilma Lino & MARTINS, Aracy Alves. **Arfirmado direitos: acesso e permanência de jovens negros na universidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- GONÇALVES, Andréa Lisly. **História e Gênero**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2006.
- HENRIQUES, Ricardo. **Raça e gênero no sistema de ensino: os limites das políticas universalistas na educação** – Brasília: UNESCO, 2002